



Secretaria da Educação

## ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO CURRÍCULO INTEGRADO 09 DE JUNHO DE 2022

Aos 09 dias do mês de junho de 2022, reuniram-se no auditório do NAM, os integrantes da Comissão de Elaboração do Currículo Integrado, de acordo com portaria Nº 002 de 25 de abril de 2022. Assinaram a lista de preseça física 46 integrantes. A reunião começou com a palavra da Presidente da CECI, Lígia Bueno Zangali Carrasco pontuando que o último encontro foi muito produtivo e foi finalizada a votação dos princípios e proposições da proposta de dinâmica de trabalho da Comissão e que nesse encontro será dado início à discussão propriamente dita da proposta pedagógica, principiando com a definição de ser humano. Lígia sugeriu que as pessoas fossem se inscrevendo e pensou em uma dinâmica para organizar as discussões. Na medida em que as pessoas forem se inscrevendo e conforme forem surgindo às propostas, iremos redigindo, não a escrita do texto final, mas tópicos para relembrar posteriormente os pontos caso seja necessário retomar as discussões. Ninguém se opôs a sugestão da organização. Propôs também, a possibilidade de abrir um google forms, para que cada categoria que for discutida, as pessoas possam redigir suas contribuições e trazer para as discussões de maneira organizada, pois não esgotaremos a definição de ser humano hoje, então encaminharemos os pensamentos e organizaremos em um formato visível. Não houve nenhuma interposição à sugestão dada. Luciane e Vanessa foram responsáveis em fazer as inscrições das pessoas que tivessem interesse de fala, respeitando o tempo de 5 minutos para cada pessoa se posicionar. Segue a ordem que as falas aconteceram: **Adriano-** Diz que devemos levar em consideração duas observações quando pensamos na definição de ser humano. Deve ser uma discussão antológica e cronológica. Temos que diferenciar o ser humano de outros seres, o homem tem a capacidade de transformação da natureza, de adequar a natureza ao atendimento das suas necessidades. A segunda aproximação é pensar: como o homem faz isso? De acordo com a perspectiva marxista, é por meio de uma mediação que Marx por exemplo denomina de trabalho, que é a capacidade que o homem tem de antecipar em ideias à finalidade de sua ação. Então, se é transformação da natureza característica central do homem e se o homem exerce, e faz essa mediação por meio do trabalho, a característica essencial do homem é o trabalho. E de acordo com Marx, o homem precisa ser livre e consciente. A terceira aproximação é que as características do homem não foram transmitidas meramente via herança genética, o homem foi se constituindo ser humano a partir de um processo histórico e de apropriação da cultura. A nossa espécie existe há mais de 200 mil anos, mas a



Secretaria da Educação

civilização não tem mais que 19 mil anos. O homem vai de geração em geração por meio das suas necessidades, por meio das pequenas apropriações que ele vai fazendo e do que ele vai produzindo vai se constituindo como ser humano. Só que depois ele não transfere meramente por herança genética às novas gerações, cada nova geração tem que se apropriar dessa cultura, dessa história. Em síntese o conceito de ser humano está relacionado ao que se distingue dos outros, o que ele é, o que tem de essencial na existência dele. Diz que para transformar isso em texto tem que explicar melhor, com as fundamentações, mas pensa dessa forma. **Camila Zanfelice** – mencionou que, apesar do fato de não falarmos agora de crianças nem jovens, etapas de uma cronologia, com a questão da idade, é importante pensar em uma proposta e uma fundamentação teórica que possibilite essa fundamentação também e a perspectiva histórico cultural abrange isso. Distinguiu a possibilidade de se pensar em uma linha genética e uma linha histórico cultural. Pontuou que o ser humano não é só um ser biológico, temos um corpo biológico, somos um tipo de animal, mas também produzimos ao longo da história uma cultura e forma de vida que se relacionam com o trabalho. O trabalho é fundante para nossa humanização, para nossa cultura. Então prefere particularmente que na construção da nossa proposta fossemos pelo viés que considera a história e a cultura como constituição também desse ser humano, não apenas a genética ou esse corpo biológico, para nos diferenciarmos um pouco e reconhecer a diferenciação entre o que é um ser humano e o que é um animal. A discussão do dia de hoje tem que girar em torno disso, decidir o que é um ser humano e para isso nos diferenciamos dos animais, animais enquanto seres que satisfazem as necessidades de forma espontânea e um ser humano que para satisfazer suas necessidades faz outro tipo de processo que não é espontâneo, ele desenvolve instrumentos, ele tem a capacidade de planejamento das ações. Quando fala que essa teoria nos permite pensar as outras categorias de crianças, adolescentes e jovens é por que ela entende que os autores que se baseiam nessa perspectiva apontada pelo Adriano, que parte de Marx, e aí cita o Vygotsky, Leontiev, Luria e uma série de outros autores, eles vão trabalhar com essa fundamentação pensando o trabalho como atividade. Essa teoria possibilita que se nós consigamos estudar esses autores no âmbito da comissão, essa linha permitirá que avancemos em todos os sentidos da educação, seja na educação infantil ou na EJA. Infelizmente é uma teoria que não tivemos muito acesso na formação inicial, o curso de pedagogia não dá essa base sólida, mas acredita que temos que fazer esse esforço para tentar nos apropriar, pois não vê em outras teorias a possibilidade de tratar todas as etapas que a educação abarca, não só das



Secretaria da Educação

etapas, mas de todos os temas que a nossa sociedade impõe. Ela faz uma defesa que sigamos por esse caminho partindo dessa definição de ser humano. **Adriano-**Retoma dizendo que o ser humano é um ser social, precisamos constantemente estar em relação com os outros seres humanos. Deu exemplo do caso das meninas lobos, indivíduos pequenos que crescem sem nenhum contato humano, quando são encontradas não apresentam características humanas, não sabem se comportar, não sabem agir como um ser humano. **Pedro-** Concordou com o que o Adriano e a Camila colocaram, mas questionou por que não trazer a cultura como ponto central. **Adriano-** Justifica que é uma questão de lógica mesmo. O trabalho é a atividade e a cultura é o produto. Como que o homem transforma a natureza? Por meio de uma mediação que chama trabalho. Tudo que surge dessa atividade chama-se cultura. Tudo aquilo que for produzido tanto do ponto de vista conceitual, simbólico e material é cultura. As ideias decorrem das atividades, por essa questão de lógica temporal. O trabalho é atividade e a cultura é o produto, seja o produto físico ou o produto simbólico. **Camila-** Explica que para os autores que se baseiam na teoria e também Saviani, nós quando nascemos somos um corpo biológico, físico, candidatos à humanização. Se a gente não passar por um processo educativo, de imersão em uma cultura, nós não nos tornamos humanos. Daí vemos a importância da educação no sentido de formar e humanizar as pessoas. As pessoas só por nascerem e existirem por si só, não se tornam, elas precisam fazer parte de um corpo social, de um grupo, para se tornarem humanas. **Jokasta-** Sugere que na hora de construirmos o texto, possamos usar essa questão da cultura e do trabalho, mas também da singularidade, fazer uma escrita buscando caminhos de fuga para deixar a escrita mais fluida e não precisar fechar no trabalho ou cultura, mas que abranja tudo. **Heluane-** Diz que precisamos ter um pouquinho de cuidado por que a partir do momento que escolhermos um referencial teórico, uma perspectiva teórica, teremos que trazer autores que se conversam. O ecletismo não funciona, nós vamos ter que recorrer a alguns autores e deixar outros de fora, afirma. **Luciane-** Questiona se caberia falar sobre a questão da fala, da linguagem e do diálogo quando diferenciamos os homens dos animais. **Adriano-** Responde que sim, mas não é o aspecto central. A nossa linguagem também é um produto cultural, mas ela vem depois, são aspectos que nos diferenciam, mas são decorrentes dessa capacidade do homem de transformar a natureza e de ir produzindo por meio da mediação, que chamamos de trabalho, esse mundo da cultura, onde vai se constituindo como ser humano. **Ligia-** Coloca que é um grande trabalho de estudo, precisamos nos debruçar enquanto comissão em estudar por que tanto o Adriano como a Camila e a Heluane, o próprio Pedro e



Secretaria da Educação

a Jokasta trouxeram questões que são estritamente teóricas, e como a Camila citou, na nossa formação inicial não tivemos a abrangência de todas essas teorias. Enquanto grupo temos que estudar muito, pois ela mesma coloca que não sente que conheça aprofundadamente a teoria de Vygotsky, conhece alguma coisa, então fica difícil debater ideias de algo que não temos aprofundamento. Poderíamos ter uma proposta de iniciar um conhecimento e estudo sobre essa teoria, pois quando se fala de concepção de homem, acreditamos também nesse homem que é cultural, histórico e social. Não temos divergência em relação a isso, ninguém levantou a mão para se opor, mas precisamos saber mais sobre o que esses estudiosos falam para que possamos nos apropriar desses conhecimentos. Diz que conforme foi ouvindo ela mesma identificou essa necessidade, senão não vamos conseguir de fato contribuir. Podemos até estudar outras coisas, pois algumas pessoas acham legal a teoria, mas gostaria de conhecer outras vertentes teóricas para pensar essa concepção de ser humano. **Nelson-** Diz que ouvindo as pessoas falarem tem concordância com o que foi dito, mas precisamos analisar um ponto que vai fazer toda a diferença na hora que formos implantar qualquer sistemática, que é a característica da nossa rede, precisamos pensar nesse referencial e tentar analisar seja por grupo de estudo ou por meio de uma pesquisa rápida, como a rede se comporta e como é a nossa prática hoje em relação a esses referenciais, isso é importante por que nós não podemos esquecer que temos uma característica da rede, que hoje nós estamos pensando no currículo, mas ele deveria ser pensado lá trás, temos que trazer esses assuntos, e é natural surgirem essas ponderações por que além do referencial teórico nós temos um referencial legal, temos alguns marcos legais, Rio Claro tem uma característica, que a educação está inserida na lei orgânica do município. Até que ponto esses referenciais não vão fragilizar ou trazer consequências na questão legal. Até que ponto nós teríamos autonomia para alterar esse marco legal. Temos que fazer essas ponderações, aprofundar esse estudo para que não ocorra igual ao kit de primeiros socorros, coloca no porta luvas, não faz mais nada, ninguém faz nada com aquilo. É importante ponderar e pensarmos como é que vamos fazer isso. **Camila-** Concorda com Ligia que vamos ter que estudar mesmo, acredita que temos textos para compartilhar, mas acredita que não precisamos parar as discussões agora. Em relação ao que o Nelson falou não ve que vamos entrar em conflito com as legislações. Conhece experiências de vários currículos de cidades que a gente pode trazer como exemplo do Brasil que se apoia na teoria. **Heluane** - Coloca que nós precisamos trazer não só a realidade da nossa rede, mas a realidade brasileira com um todo. Esses fundamentos que o Adriano trouxe do referencial do



Secretaria da Educação

materiaisismo histórico dialético e a Camila apresentando a teoria histórico cultural vão embasar a pedagogia histórico crítica e quando falarmos em termos pedagógicos esses fundamentos vão embasar uma teoria que é brasileira. **Adriano** – Diz que estava claro desde o começo, quando foi composta essa comissão, que íamos fazer uma proposta pedagógica, e fazer uma proposta pedagógica é discutir concepção de mundo, estamos falando do campo teórico. Desde o início estava claro quais seriam as categorias que iriam fazer parte dessa discussão, e isso exige preparo. Ficou receoso com a propositura, pois não é possível paramos para estudar agora, mas isso deve ocorrer de forma concomitante. Reforça que no coletivo temos que nos preparar, nós não estamos aqui representando pessoas, nós temos que ser capaz de fazer, não dá para nos assustarmos muito com o tema. Obviamente essa construção que estamos fazendo aqui vai ter algumas modificações, vai alterar, vamos ponderar como fizemos na dinâmica de trabalho, mas não dá para parar e fazer um seminário pra tentar descobrir qual é a concepção de ser humano, temos que estar preparados, pois estamos aqui representando a rede, concorda quando o Nelson diz que temos que defender o ponto de vista teórico mas temos que casar com a legislação. Cita que não pode defender a concepção de ser humano que seja contrário aos princípios estabelecidos pela constituição federal, não pode defender o fascismo, pois a constituição não permite agora do ponto de vista lógico vamos fazer a discussão teórica e em algum momento vamos ter que verificar se está de acordo com a legislação. Isso tem que casar, mas tem que ser em momentos distintos. Quando o Nelson fala que precisamos ver a característica da rede, se preocupa um pouco no seguinte sentido, está vendo que esse movimento não é um movimento que a secretaria está fazendo ou o conselho, quem está aqui é a rede e essa discussão será levada à escola e não dá para ficarmos fazendo suposições sobre aquilo que três mil pessoas pensam, se temos perspectivas que são equivocadas estamos nesse processo justamente para tentar nos transformar. **Pedro**- Acredita que temos que pensar no currículo como algo que criaremos, mas que não vai ser engavetado, mas deverá ser um documento vivo que vai ser realizado. O currículo é uma ação, estamos aqui discutindo o materialismo, a pedagogia histórica crítica etc, e ele diz que não tem aprofundamento teórico para isso, e pede desculpas se está fazendo um julgamento premeditado, mas acredita que a maioria daqui também não, só que nós estamos aqui representando uma rede e por mais que nós não vamos fazer um seminário, com power point e explicar desde o “B-A-B-A”do materialismo ou de qualquer outra teoria, nós vamos ter que nos apropriar e termos uma profundidade maior, poia as discussões serão levadas para a rede toda e não adianta fecharmos algo aqui e



Secretaria da Educação

quando chegar para rede dizer: olha vamos falar de Marx em Rio Claro, pois há um preconceito a uma ideologia. Então esse é um trabalho educativo, enquanto grupo e depois posteriormente nas escolas, e quando o currículo estiver pronto, ele tem que ser um documento que seja algo realmente que vá ser aceito, ser entendido. **Cristiane-** Diz que está achando muito produtiva as discussões. Em relação a conhecer os documentos iniciais, entende que não vamos poder ter um momento de estudo, mas as pessoas aqui tem que ter um conhecimento sobre Base, sobre lei orgânica e caso alguém não tenha é preciso correr atrás por que é disso que estamos falando e é isso que vai embasar nosso estudo aqui. Alguns estudos prévios nós já temos que começar a fazer por conta e a hora que definirmos se é essa ou aquela perspectiva, aí nós nos aprofundamos, mas existem algumas leituras que a gente vai ter que ter, pois não teremos tempo de ficar estudando. Lembra que teve um movimento na outra gestão, em que um texto base foi construído e trazido em um momento para uma discussão. Relata que naquele momento e até hoje está em uma escola que não tem um PPP, está na escola há 4 anos sem PPP por que está esperando todo esse movimento. Naquela ocasião foi feito um trabalho de discussão inicial de qual concepção que cada escola tinha, não foi apresentada a concepção de homem, de educação, mas a concepção que se tinha da escola e se lembra de que eram muitas concepções numa rede e concepções antagônicas, mas a discussão não foi para frente, pois veio a pandemia. Acredita que precisamos olhar a nossa escola para tentar entender, buscar o que já está no nosso PPP e buscar entender qual a concepção de escola. Por que não dá para discutir na mesma perspectiva a sua escola que é periferia de uma escola de centro que ela esteve como, por exemplo, a EM Marcello Schmidt. Nós podemos começar falando nessa perspectiva histórico cultural e social, mas é necessário começarmos com um levantamento na nossa escola, rever os PPP de quem já tem e começar nesse estudo, verificando o que está presente de fato acontecendo na escola hoje. **Renata Corte-** Faz um parenteses em relação às questões levantadas. Acredita que ninguém vai querer contrariar o que está na legislação, é claro que temos que buscar nosso fundamento teórico, mas aproveitando a fala da Cristiane nós já temos uma visão de ser humano e qual é a visão de ser humano que a gente tem? Principalmente nas relações, quando nos relacionamos com os nossos estudantes, com os nossos colegas de trabalho, com as pessoas da sociedade em geral isso já nos diz qual é a concepção de ser humano, e não se refere à questão individual, existe uma questão individual, mas a questão do coletivo, como a gente se comporta, como as relações acontecem dentro da rede já traz elementos da visão que nós temos de ser humano.



Secretaria da Educação

**Adriano-** Faz algumas ponderações das falas. Em relação a fala do Nelson, diz que nós não somos um conjunto de escolas isoladas, em que cada um faz o que quer, sem nenhuma relação com o todo, somos uma rede municipal de ensino. Ninguém aqui é dono de escola, as escolas são espaços públicos. Estamos aqui discutindo concepções de ser humano, não estamos falando de relação, não existe uma concepção de ser humano para o pobre, para o rico, para o negro ou para o branco, existe uma concepção de ser humano que é universal. Quando chegarmos na parte do currículo que vamos falar do que ensinar e do que aprender, essas características regionais, locais e pessoais fazem diferença, mas não nessa discussão. Essa discussão é universal. O que vamos fazer aqui, não temos como fazer com a rede toda, só que se pensou em processo de envolvimento da rede, são representantes da rede aqui, ninguém está por indicação, a maioria foram eleitos. O que definirmos aqui vai voltar para escola, então cada escola vai ter a oportunidade de ler e falar se não concorda. Estamos em um momento de reflexão teórica, pensando em visão de mundo, não dá para ter limitações como ponto de partida como por exemplo: preciso ir lá saber o que o outro pensa para eu saber o que eu penso. Ele vai ter um momento para se posicionar, até por que essas limitações nem sempre são democráticas. Em relação a fala do Pedro, se formos construir um livro sobre a história do pensamento humano e nesse livro tiver 10 páginas, na opinião dele, 7 falarão de Marx, mas nós não estamos aqui para falarmos de Marx, mas para falarmos sobre nossa concepção de ser humano. **Renata Hellmeister-** Acredita que partindo do pressuposto que todos nós somos representantes de unidades escolares e que fazemos parte de uma rede, ela pensa que nós não estamos aqui para defender concepções teóricas particulares, não é o que ela pensa, mas o que a unidade escolar dela pensa. Na EM Marcello Schmidt abriram uma pasta no google drive para que os professores compartilhassem textos que pudessem ler e tivessem um momento na HTPC para discutirem. Diz que as vezes vamos ter que passar por cima de concepções arraigadas em nós, por que estamos aqui representando uma unidade escolar. Sugere que se fosse possível, apesar de entender a questão do tempo, espaçarmos um pouco as nossas reuniões para termos mais tempo para discutir na unidade escolar as concepções que cada unidade tem e daí sim voltamos a discutir. São muito importantes as ideias opositoras por que nos fazem pensar e crescer. Poderíamos trazer as propostas das nossas realidades, concepções que cada unidade escolar tem. Na sua escola não tiveram tempo para fechar a concepção, mas levantaram várias e se for possível é importante um tempo maior para que esse trabalho seja efetivo. **Simone-** Inicia a fala se apresentando. Diz que é representante de pais pelo COMERC e diz que tem um



Secretaria da Educação

conhecimento de educação limitado apesar de ter uma formação acadêmica. É bibliotecária por formação, e busca conhecimento por curiosidade, pois é uma pessoa curiosa e fez uma pós em educação por curiosidade e por gostar de aprender. Nessa pós teve uma pincelada sobre vários teóricos da educação e uma coisa que a preocupa é com relação a pensarmos numa concepção de currículo de forma que independente da teoria que fomos escolher para seguir, tenhamos a possibilidade de utilizar outros teóricos, outras teorias para que os alunos aprendam efetivamente? Pensando em indivíduos diversos, em uma sala com 20 ou 30 crianças, em que cada um tem uma forma de pensar e aprender. **Camila-** Em relação à fala da Renata, ela acha maravilhoso o que a escola dela faz, ter a possibilidade de já começarem a discutir as categorias, de tentar pensar e descobrir o que todos pensam sobre elas, mas concorda com Adriano, depois as escolas terão a possibilidade de rediscutir. Vamos perder tempo se pararmos as reuniões para discussões em cada escola nesse momento, pois elas já estão espaçadas ocorrendo quinzenalmente, mas é fundamental que as escolas também possam realizar esse movimento, nada impede de discutirmos nas escolas o que é ser humano, isso deveria acontecer sempre na rede, mas não tivemos e agora é hora de começar. Se trouxermos as 64 escolas, talvez a comissão não consiga elaborar um texto básico. Em relação à fala da Simone, acredita que a questão que ela traz é um processo a ser discutido um pouco adiante, pois as questões levantadas são sobre didática, estratégias de ensino, de metodologia, que também tem uma fundamentação teórica, mas se não tivermos esses princípios básicos bem delimitados e definidos para uma rede toda, daí sim corremos o risco dos alunos não serem atendidos de acordo com suas necessidades. **Natali-** Diz que como a Cristiane apontou, nós já fizemos uma discussão anteriormente, foi solicitado que trouxéssemos as concepções que constavam no PPP das escolas e o que foi constatado conforme íamos apresentando essas concepções é que existem nesses documentos grandes equívocos conceituais e constatou que realmente vivemos de pincelada das teorias e isso é problemático inclusive quando vamos falar de perspectiva teórica. Relata que existem relatórios desse movimento que foi feito e talvez fosse interessante retomá-los, pois foi um momento que paramos tudo para refletir que precisamos estudar. O movimento foi feito com representantes de cada escola, mas não sabemos se as reflexões chegaram em todas as escolas, inclusive os PPP não foram retomados ou atualizados, então esses relatórios já dizem o que temos hoje em termos de PPP. **Adriano-** Faz uma explicação em relação à fala da Simone. A solução para a questão levantada não será nesse momento, mas será quando falarmos de estratégias, mas coloca que o que ela trouxe é uma visão de mundo, ela traz que



Secretaria da Educação

as crianças não são iguais e aprendem de formas diferentes e algumas têm que receber tratamento diferenciado e que isso é realmente uma visão de mundo, mas tem pessoas que não pensam como ela, tem gente que pensa que criança é uma coisa só e se ela não é capaz de aprender a culpa é dela. Então acredita que o que ela está trazendo explica o por quê de termos de fazer essa discussão de concepções, pois, dependendo das concepções que pensarmos aqui, quando formos para o campo das estratégias daremos uma solução para a preocupação levantada. Ela coloca um problema que é da esfera didática, mas que ele nasce da esfera da concepção teórica. **Pedro-** Retoma a fala concordando com o que a Renata colocou, sendo importantes as discussões nas escolas, mas como o Adriano também colocou seguiremos esse processo de retornar para as escolas em um segundo momento e acredita que o mais importante desse processo é que não adianta levarmos algumas instruções para as escolas e muitas vezes as pessoas não estarem preparadas para debater. Estamos discutindo a concepção de ser humano, mas se os professores das escolas não tiverem uma concepção de ser humano já construída, baseada em alguns teóricos, não conseguiremos fluir em uma discussão mais profunda, e realmente fazer esse caminho de trazer as discussões prévias das escolas talvez seja menos produtivo, então é importante discutirmos nas escolas o que está sendo colocado aqui para que as escolas comecem esse momento de reflexão para a hora que chegarmos com a primeira proposta pedagógica do nosso currículo, os profissionais tenham a base para fazerem as inferências necessárias. **Mônica-** Retoma uma questão que o Nelson levantou quando exemplificou a questão do PPP. Nós não podemos confundir PPP com proposta pedagógica. Coloca que cada escola tem seu PPP, nós vamos discutir talvez elementos que devam estar no PPP, mas cada escola vai fazer o seu. Já a proposta pedagógica do município é única, não existem concepções diferentes de ser humano, de educação e de escola, pois se cada escola fizer o seu, não faz sentido esse trabalho. O que a Natali resgatou sobre o levantamento anterior é uma contribuição muito boa, pois já foi feito um levantamento e ele demonstrou o que vários colegas falaram aqui, que é preciso esclarecer, estudar um pouco mais, não para dizer que concordam com essa ideia que estão trazendo aqui e que está sendo posta pela comissão, mas para que as pessoas possam argumentar. No levantamento que foi feito muitas escolas diziam que se baseavam em Vygotsky e em Piaget ao mesmo tempo, e se estudarmos um pouquinho vamos ver que não casa. Estudar faz parte do processo da nossa profissão, o papel da HTPC na escola também serve para isso. Precisamos ter argumentos para discordar, não podemos discordar por discordar. Nosso papel é construirmos uma proposta e levarmos para



Secretaria da Educação

as escolas para debate. e se uma escola não concordar ela pode construir uma outra proposta e encaminhar para a comissão. **Ligia** finaliza a reunião dizendo que as discussões foram produtivas e que serão necessários estudos para nos instrumentalizar. O movimento de estudos nas escolas será necessário, com o envio de documentos, textos de referências, abertura de forms para arquivamento de textos para estudos da concepção de ser humano para trazermos para a próxima reunião. Ao término da Reunião da CECI, ficou acordado que para a próxima reunião será dia 20 de junho e continuará a discussão da Categoria de Ser Humano. A reunião encerrou-se às 19h40. O registro dessa ata foi feito por mim, Adriana Correa Bueno, membro do CAP.